



MODOS. REVISTA DE HISTÓRIA DA ARTE

Grupo de Pesquisa MODOS - História da Arte: modos de ver, exibir e compreender

Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Estadual de Campinas

Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Programa de Pós-graduação de Artes Visuais da Universidade de Brasília

Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia

Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

University of Campinas

Dr. Marcelo Knobel
Reitor

Dr. Paulo Adriano Ronqui
Diretor do Instituto de Artes

Dra. Maria de Fátima Morethy Couto
Coord. do PPG em Artes Visuais

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Federal University of Rio de Janeiro

Dra. Denise Pires de Carvalho
Reitora

Dra. Madalena Grimaldi
Diretora da Escola de Belas Artes

Dr. Carlos Azambuja Rodrigues
Coord.do PPG em Artes Visuais

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

University of Brasília

Dra. Márcia Abrahão Moura
Reitora

Dra. Fátima Aparecida dos Santos
Diretora do Instituto de Artes

Dr. Emerson Dionisio Gomes de Oliveira
Coord.do PPG em Artes Visuais

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Federal University of Rio Grande do Sul

Dr. Rui Vicente Oppermann
Reitor

Dr. Raimundo José Barros Cruz
Diretor do Instituto de Artes

Dr. Paulo Antônio de Menezes Pereira da Silveira
Coord. do PPG em Artes Visuais

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Federal University of Bahia

Dr. João Carlos Salles Pires da Silva
Reitor

Dra. Nanci Santos Novais
Diretora da Escola de Belas Artes

Dr. Edgard Mesquita de Oliva Junior
Coord.do PPG em Artes Visuais

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

State University of Rio de Janeiro

Dr. Ruy Garcia Marques
Reitor

Dr. Alexandre Sá Barretto da Paixão
Diretor do Instituto de Artes

Dra. Sheila Cabo Geraldo
Coord.do PPG em Artes

**EQUIPE EDITORIAL/ GRUPO DE PESQUISA
MODOS - História da Arte: modos de ver, exibir e
compreender**

Dra. Ana Maria Albani de Carvalho

Federal University of Rio Grande do Sul

Dra. Ana Maria Tavares Cavalcanti

Federal University of Rio de Janeiro

Dr. Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

University of Brasília

Dr. Luiz Alberto Freire

Federal University of Bahia

Dr. Luiz Cláudio da Costa

State University of Rio de Janeiro

Dra. Maria de Fátima Morethy Couto

University of Campinas

Dra. Marize Malta

Federal University of Rio de Janeiro

Dr. Paulo Knauss

Fluminense Federal University

Dra. Raquel Henriques da Silva

New University of Lisbon

Dra. Sonia Gomes Pereira

Federal University of Rio de Janeiro

Dra. Sônia Salzstein

University of São Paulo

Dr. Stéphane Huchet

Federal University of Minas Gerais

EDITOR-CHEFE

Dra. Maria de Fátima Morethy Couto

University of Campinas

EDITORES-ASSISTENTES

Dr. Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

University of Brasília

Dra. Marize Malta

Federal University of Rio de Janeiro

CONSELHO CIENTÍFICO

Dra. Anne Benichou

Université du Québec à Montréal

Dr. Bernard Guelton

Université Paris 1

Dra. Catherine Dossin

Purdue University

Dr. Jean-Marc Poinot

Université Rennes 2

Dr. Jesus Pedro Lorente Lorente

Universidad de Zaragoza

Dr. José Emilio Burucúa

Universidad de Buenos Aires

Dr. Jorge Coli

University of Campinas

Dr. Márcio Seligmann-Silva

University of Campinas

PROJETO GRÁFICO/ EDITORAÇÃO ELETRONICA

Dra. Marize Malta

Federal University of Rio de Janeiro

Ivan Avelar

University of Campinas

CAPA

Ms. Pedro Ernesto Freitas Lima

University of Brasília

CAPA

Detalhe da exposição de longa duração do Acervo na Laje, Salvador [<https://acervodalaje.com.br/>], dez. 2019. Foto: Marize Malta.

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

MODOS. Revista de História da Arte: publicação eletrônica do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Estadual de Campinas. – v.4, n.1 (2020) – Campinas: PPGAV- Unicamp, jan.2020.

Quadrimestral

Resumo em português e inglês.

Disponível no SEER: <http://www.publlionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/index>

ISSN: 2526-2963

1. História da Arte. 2. Artes Visuais. 3. Teoria da Arte. 4. Crítica de Arte 5. Museologia

CDU: 7(091)

MODOS. REVISTA DE HISTÓRIA DA ARTE

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - Instituto de Artes – Universidade Estadual de Campinas
Rua Elis Regina,50. Cidade Universitária "Zeferino Vaz". Barão Geraldo, Campinas-SP – CEP 13083-854
e-mail: revista.modos@gmail.com

EDITORIAL

ARTIGOS

Bidibidobidiboo: details of deception and irruptions in Maurizio Cattelan's inventions

Bidibidobidiboo: detalhes dos embustes e irrupções nas invenções de Maurizio Cattelan

Stefania Portinari

Faxinal das Artes: a constituição de um acervo museológico a partir de uma residência artística

Faxinal das Artes: the constitution of a museum collection from an artistic residence

Janaina Silva Xavier

Manifesta e Vila Sul - diásporas, deslocamentos e migrações através de eventos e programas de arte contemporânea

Manifesta and Vila Sul - Diasporas, displacements and migrations through contemporary art events and programs

Alejandra Hernández Muñoz

A primeira recepção da Minimal Art no Brasil, em 1965: uma tensão interpretativa

The first reception of Minimal Art in Brasil in 1965: an interpretative tension

Guilherme Moreira Santos

Nós não sabíamos: um percurso sobre fotografias, arquivo e violência na arte

We didn't know: a path about photography, archive and art violence

Melissa Rocha

DOSSIÊ

Intersecções do exílio: redes artísticas transnacionais, associações e colaborações

Intersections of exile: transnational artistic networks, associations and collaborations

Apresentação/Presentation

Leonor de Oliveira; Maria de Fátima Morethy Couto

Novos caminhos da figuração: a migração dos artistas portugueses para Londres e Paris no pós-guerra

New Paths of Figuration: the Migration of Portuguese Artists to London and Paris in the Post-War Period

Joana Baião; Leonor de Oliveira

Cícero Dias em Lisboa, "uma poética e imaginada visão da realidade"

Cícero Dias in Lisbon, "a poetic and imagined vision of reality"

Angela Grando

Del "conceptualismo ideológico" al "conceptualismo socialista". Los años de exilio del poeta y artista chileno Guillermo Deisler en Bulgaria (1973-1986)

From "Ideological Conceptualism" to "Socialist Conceptualism." The years of exile of the Chilean poet and artist Guillermo Deisler in Bulgaria (1973-1986)

Katarzyna Cytlak

International Movement vs. Organization: The Situationist Times and the Situationist International (1962-1967)

Movimento internacional vs. organização: The Situationist Times e Internacional Situacionista (1962-1967)

David A.J. Murrieta Flores

Los salvajes del Sur: Inmigración y expresionismo en Uruguay en la primera mitad del siglo XX

The Savages of South: Immigration and Expressionism in Uruguay in the first half of the 20th century

Maria Frick

Bernard Berenson, Lionello Venturi e a crítica de arte italiana: uma introdução ao epistolário (1907-1957)

Bernard Berenson, Lionello Venturi and the Italian Art Critic an Introduction to Epistolary (1907-1957)

Fernanda Marinho

1930: Margherita Sarfatti entre Buenos Aires, Roma y Milán

1930: Margherita Sarfatti entre Buenos Aires, Roma y Milão

Laura Moure Cecchini

Bernard Berenson, Margherita Sarfatti e o ambiente artístico portenho do segundo pós-guerra

Bernard Berenson, Margherita Sarfatti, and the Porteño artistic milieu of the aftermath of World War II

Ana Gonçalves Magalhães

“Un’idea del Brasile”. Pietro Maria Bardi’s second life

Uma ideia de Brasil. A segunda vida de Pietro Maria Bardi

Paolo Rusconi

EDITORIAL

A capa da décima edição da Revista MODOS é fruto de um deslocamento. Em dezembro de 2019 o Grupo MODOS realizou seu VII Encontro, na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, cujo tema foi *O Ensino da História da Arte na contemporaneidade*. A reunião de dezenas de pesquisadores envolvidos com o tema estendeu-se para o subúrbio ferroviário de Salvador, para conhecer o Acervo da Laje. Casa, museu, arquivo, escola, biblioteca, espaço cultural, galeria, tudo isso e muito mais identifica o Acervo da Laje, localizado na rua Nova Esperança, no bairro de São João do Cabrito. Tudo começou quando o casal José Eduardo Ferreira e Vilma Santos garimpou obras, adquiriu outras, resgatou algumas no lixo e começou a exibi-las na laje de sua casa, valorizando os artefatos e as produções realizadas nas próprias periferias, espécies de não-lugares para os poderes públicos. Na medida em que a atitude se transformou em um projeto (de vida), desde 2010, o acervo foi tomando toda a casa, virando um museu singular. Nesse caso, a periferia não foi ao museu, localizado em algum bairro nobre no centro de Salvador, amplo, asseado, seguro e organizado, procurando ser instrutor e disciplinador de ideias estéticas dominantes, distantes das comunidades suburbanas. Foi o museu que chegou à periferia, criado na e para a periferia. E é nas suas idiosincrasias que o museu se configurou em termos de acervo e expografia.

A primeira sede do Acervo da Laje, portanto, é a primeira moradia do casal, cujo acesso se dá por um beco estreito no meio da comunidade, no emaranhado de outras tantas casas e pequenos estabelecimentos comerciais. Entra-se pela cozinha, rodeada de fogão, pia e panelas, e, do corredor, já tomado por obras, alça-se uma escada íngreme, acessando um corredor e dois cômodos. Desse andar, chega-se à “laje”, com mais corredor e três salas. Quadros, canecas, fotos, altares, placas, esculturas, azulejos, carros, santos, orixás, gravuras, máscaras, conchas, souvenirs, moedas...Todas as superfícies têm peças, das mais variadas origens, materialidades, conformidades, dispostas em configurações aparentemente caóticas e desconexas, como uma espécie de expografia da marginalidade. Das janelas, vê-se a arquitetura inconfundível da periferia, com suas várias lajes, sem diferenciação entre figura e fundo, pois a comunidade está refletida nas obras lá dispostas, representada por sua diversidade, singularidade, criatividade e lógica própria, bem distante dos olhares controlados da História da Arte.

Sem mais espaço para crescer o acervo, o casal adquiriu outro terreno, em uma nova área de ampliação do bairro, e construiu a segunda casa, distante a 20 minutos a pé da primeira, para acomodar mais e mais obras, além de espaços educativos, cujas atividades são coordenadas por Vilma Santos. O marido, José Eduardo Ferreira, não é apenas um colecionador amador, entusiasta da causa da estética e da cultura, sabendo verbalizar e fundamentar suas ideias e propostas, com discursos de competência e clareza. O Acervo da Laje é um espaço fundador de outra realidade, tanto pelas escolhas do que acolhe quanto do modo de expor e explorar os objetos para o seu público. Protagoniza resistência, superação e sensibilidade no esforço do não apagamento da existência da vida nas periferias, valorizando suas práticas artísticas e produções culturais, fazendo a comunidade perceber a necessidade da arte e os efeitos de sua privação. Ao lado de várias peças do escultor Adilson Baiano Paciência, artista já falecido da comunidade, resgatado por José Eduardo, há outros anônimos, “invisíveis”, alguns de renome, até do mainstream, coisas de arte e coisas do dia a dia, numa babelônia de imagens desafiadoras para a compreensão da inescapável relação entre arte e vida que, nas comunidades, está irremediavelmente relacionada à imagem das lajes. De um símbolo de luta por sobrevivência e moradia na precariedade e marginalidade, a laje se faz redentora e reclama por outras histórias da arte, menos elitistas e soberbas, que respeitem a diversidade das poéticas humanas.

Da mesma forma que conhecer o acervo soteropolitano possibilitou novos deslocamentos epistemológicos, temporais, estéticos, críticos e geográficos, os textos da décima edição da revista MODOS tomam o trânsito, a viagem, o exílio, a ocupação, a adaptação, a migração como focos de análise. Guilherme Moreira Santos investiga a tensa adaptação crítica das obras *Minimal Art* do ambiente artístico estadunidense para a 8ª Bienal Internacional de São Paulo de 1965. O pesquisador analisa textos críticos sobre o conjunto de obras enviado pela delegação estadunidense à Bienal, destacando as avaliações de Walter Zanini e Laís Moura. Já Melissa Rocha discorre sobre como a produção visual reage às violências institucionalizadas. Por meio de um compilado de registros das barbáries que permearam as últimas décadas, ela constrói um trajeto referencial imagético – via fotografia e arquivos apropriados pela produção da arte contemporânea – que evidencia rastros de violência e dominação característicos dos mecanismos de poder.

Os grandes sistemas da arte contemporânea e seus mecanismos são o tema de Janaína Xavier, que nos apresenta os deslocamentos entre obras produzidas no espaço da primeira grande residência artística brasileira e o acervo do Museu de Arte Contemporânea do Paraná. A pesquisadora revisitou os arquivos da residência artística de Faxinal das Artes, que ocorreu em 2002 no município de Pinhão, no interior do Paraná, e detalhou seu programa sob curadoria de Agnaldo Farias e Fernando Bini. Identificou ainda pouco mais de uma centena de obras incorporadas à coleção permanente da instituição e as dificuldades de sua musealização.

A uruguaia Alejandra Muñoz e a italiana Stephania Portinari dedicam-se a pesquisar grandes instituições expositivas e suas práticas curatoriais na Europa. Muñoz apresenta-nos a história da Manifesta (evento bianual itinerante realizado na Europa desde 1996) e o Vila Sul (programa de residências do Goethe-Institut Salvador-Bahia). Ela examinou as contribuições de cada edição da Manifesta na configuração de uma plataforma de debate, produção e promoção artística contemporânea, e um balanço dos três primeiros anos de atividades do programa Vila Sul e suas consequências. Portinari, por sua vez, empreendeu uma aproximação crítica da obra de Maurizio Cattelan, mostrando-nos como detalhes de instalações criadas pelo artista tornaram-se dispositivos para ativar práticas interpretativas, estéticas relacionais e pós-produções em reconhecidos espaços expositivos. A autora elucida as interpretações oriundas de mal-entendidos e que ajudaram na fortuna crítica do artista italiano.

Em seguida, temos o dossiê "Intersecções do exílio: redes artísticas transnacionais, associações e colaborações" que reuniu artigos de nove pesquisadores de diferentes procedências e filiações institucionais interessados em propor novas leituras sobre a circulação e mobilidade de artistas e agentes culturais e sobre suas experiências criativas e comerciais no exílio. A migração ou o exílio são aqui entendidos como desempenhando papel crucial na criação e difusão de ideias e na (re)definição de contextos artísticos locais. As análises propostas projetam, assim, uma imagem complexa e global dos diálogos artísticos e das práticas criativas, discutindo seu potencial de introduzir novas questões estéticas e políticas e novas coordenadas culturais e, conseqüentemente, lançar olhares críticos sobre os cânones estéticos estabelecidos ou oficializados.

Em rede e pela rede (on line), novos deslocamentos foram realizados neste número da revista MODOS, permitindo reunir pesquisadores de diferentes geografias, que trazem reflexões sobre experiências artísticas particulares, enfatizando as condições de exílio, a partir do dossiê, e apontando para o fato de que a arte depende de circulações, associações, colaborações para ser dada a ver e a ser refletida pela história da arte, também devedora dessas mesmas características para garantir sua existência e persistência. Especialmente as histórias da arte nos exílios nos lembram que nem sempre há condições favoráveis para artistas, críticos e historiadores da arte se expressarem com liberdade em seus países de origem, quando a relação entre arte e política entra

em conflito, por vezes com consequências violentas. A arte, com sua condição libertária, com a inteligência e a sensibilidade de suas visualidades, foi cerceada em alguns momentos e por certos governos, forçando outras condições de criação e ação. E, se a história parece se repetir na atualidade, em uma caótica demonstração de ignorância, intransigência e preconceitos por alguns dirigentes do governo federal, é preciso retomar as histórias (da arte) de momentos semelhantes para relembrarmos os efeitos nefastos das repressões e evitarmos ameaças que tolham a inevitável potência da arte de fazer ver e pensar, seja nos museus e galerias, nas escolas e universidades ou nas lajes das periferias. Porque é preciso resistir.

Agradecemos a todos os autores pelas colaborações, aos pareceristas pelas avaliações, aos revisores pelo cuidado. O esforço de cada um é uma forma de resistência. A eles dedicamos mais um número da revista porque acreditamos que existem muitos MODOS de respeitar diferenças e diversidades, mas é na condição artística que, irremediavelmente, elas se fazem visíveis e presentes.

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Emerson Dionisio G. Oliveira

Editores